

## No dia da Consciência Negra, trazemos o perfil de três mulheres negras que iniciaram a vida no trabalho doméstico, mas buscaram para si uma vida diferente

# Ela não é só a babá

Tudo começou com a necessidade de desabafar. Em um ambiente controlado, morando sozinha em uma cidade distante da sua e sem ter, para conversar, alguém que compreendesse como cada humilhação sofrida a feria, **Janaína Costa**, 29 anos, criou, anonimamente, a página Ela é só a babá.

Na virada do ano em 2017, Janaína foi a um restaurante com a família para a qual trabalhava em São Paulo. Assim como todos que estavam vestidos de acordo para comemorar o réveillon, Janaína usava branco. Porém, a cor não estampava uma roupa de festa, mesmo que simples, e sim o seu uniforme de babá.

Quando o relógio bateu meia-noite, ela não ouviu “feliz ano-novo” de ninguém. Estava do lado de fora do restaurante, ouvindo o choro do bebê de quem cuidava e tentando acalmá-lo, após o barulho dos fogos de artifício.

No dia seguinte, os patrões viajaram para a Disney e ela tomou uma decisão. “Aquele noite foi a gota d’água em uma série de situações humilhantes nas quais eu era tratada como um objeto útil e não uma pessoa, me sentia apagada. Decidi que não voltaria mais naquela casa.”

Janaína passava os fins de semana neste emprego e a semana em outro, onde era cuidadora e acompanhante de uma senhora. Ali, com uma patroa que a tratava com respeito e dignidade e permitia que ela usasse o computador, ela encontrou uma maneira de colocar para fora tudo que a engasgava havia anos.

“Não tive dúvidas sobre qual seria o nome da página. Eu escutava essa frase desde que comecei a trabalhar como babá, com 12 anos, em minha cidade. Muitas babás ouvem isso. Não temos nome, somos a babá de alguém, e é assim que somos apresentadas nos ambientes dos patrões. Não desmereço, eu sou uma babá, mas sou um milhão de coisas mais.”

A frase, além de ser usada para definir, também costumava ser dita em situações nas quais se iniciava um assunto importante e Janaína estava no cômodo. “Não tinha importância que eu ouvisse algo sério ou particular, porque eu era só a babá, como se não fosse uma pessoa com pensamentos.”

A primeira versão do desabafo foi no Facebook e anônima. Ali, com muito medo de ser descoberta e não conseguir mais emprego, Janaína relatava as situações por que passava como trabalhadora doméstica e encontrava eco nas histórias de outras

mulheres, quase todas negras, como ela.

Em uma das casas em que trabalhou, tinha muito medo de postar, e o fazia embaixo das cobertas, antes de dormir. O motivo? Ela e a outra babá que trabalhava na casa eram monitoradas o tempo inteiro pelas câmeras de segurança presentes em todos os cômodos. Apesar de pagar as contas, o emprego custou caro para a saúde mental de Janaína, e ela saiu.

No fim de 2018, o perfil deixou de ser anônimo. “Coloquei minha cara, mostrando que essa sou eu e contando mais de mim. O tema era importante e reunia muitas mulheres negras e trabalhadoras que dividiam o espaço comigo”, conta.

Ali, naquele espaço seguro, contou mais de sua história. Natural de uma comunidade quilombola no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, ela se mudou para São Paulo aos 14 anos, para ajudar a cuidar dos filhos da irmã, que era babá para uma família na cidade.

“Somos 11 irmãos, sete mulheres, e todas são trabalhadoras domésticas. Minha mãe e minha avó também viveram essa experiência, brinco que é hereditário. Sou a primeira mulher da família a entrar na universidade”, conta.

E foi dentro da universidade, cursada em São Paulo, que ela entendeu que algo estava errado no tal “traço hereditário” que levava as mulheres de sua família ao trabalho doméstico e, muitas vezes, abusivo. Estudando para ser historiadora, nas aulas de história do Brasil, passou a compreender como o racismo estrutural e a forma como o país se desenvolveu contribuíram para o cenário atual do trabalho doméstico.

Janaína tinha acabado de se formar em história e estava desempregada quando conheceu a atual patroa, por meio do perfil no Instagram. “Ela sabia quem eu era, o que escrevia, que eu estudava e tinha o desejo de morar fora. Me fez uma proposta de emprego e eu aceitei.”

A babá se mudou para Bogotá, na Colômbia, para cuidar de duas crianças e se dedicar a um curso de mestrado na cidade. O plano havia sido feito em conjunto com a empregadora, que desejava apoiá-la no crescimento acadêmico e traçar um cenário diferente do que Janaína tinha passado nos empregos abusivos. As duas se tornaram amigas. Em 2020, quando a família se mudou para os EUA, pela dificuldade de conseguir vistos durante a pandemia, Janaína precisou voltar para o Brasil, onde terminou o mestrado a distância.

A tese foi baseada em sua vivência e no desejo de entender o cenário em que se viu inserida desde a adolescência. O objeto de estudo foram os processos de migração de trabalhadoras domésticas negras de áreas periféricas do país. “Saí do interior de Minas para a capital, depois para São Paulo,

Bogotá e, agora, estou em Brasília, tudo vinculado ao trabalho doméstico.”

Conversando com diversas mulheres, enxergou e analisou os aspectos excludentes, desiguais e racializados do trabalho doméstico e busca, de alguma forma, contribuir para que cada vez menos mulheres negras se submetam a humilhações diárias para garantir o sustento da família.

## O futuro

Quando a família que havia ido para os Estados Unidos retornou a Brasília, Janaína voltou a cuidar das crianças. Em dezembro, ela se despedirá e se dedicará à área na qual é mestre, em um emprego temporário de pesquisadora. Depois de uma vida inteira de trabalho doméstico, vivendo diferentes experiências, a historiadora se ofende quando alguém a questiona por que ela ainda é babá, com ênfase no ainda. “Tenho muito orgulho do emprego que trouxe tudo o que tenho hoje. Sim, eu ainda sou babá e não vejo isso como algo degradante. Embora muitos patrões contribuam para que seja, não precisa ser.”

A mestre em história e babá, com muito orgulho, afirma que aprendeu a valorizar o próprio trabalho e que, a partir desse processo, sentiu que passou também a ser mais valorizada. A babá é quem, na maioria das vezes, acolhe uma criança nos braços após os primeiros passos, é quem sabe o que gosta ou não de comer e para quem ela corre quando deseja acolhimento. “Esse afeto não entra no pagamento no fim do mês.”

E ela afirma que embora existam diversos aspectos que desmerecem o serviço doméstico, ela não se sente inferior por seu trabalho e defende que outras mulheres não se sintam também. Janaína não quer ser conhecida como uma “ex-babá” que se tornou escritora ou mestre em história. Ela explica que não quer passar uma trajetória de superação, como se sua vida anterior fosse motivo de vergonha ou devesse ser abandonada.

“Eu sou a babá, sou a historiadora, sou a influenciadora. Por que não posso ser tudo ao mesmo tempo? Por que preciso deixar de ser a babá para ser considerada uma pessoa que conquistou o sucesso?”, questiona.

Outro aspecto abordado por Janaína é a cor de sua pele. Algumas vezes, pessoas que não a conhecem pessoalmente duvidam que ela possa ter uma graduação e um mestrado tendo sido babá a vida inteira. É o questionamento continua até o instante em que veem que ela é uma mulher negra. “Parece que por eu ser negra, pronto, faz sentido que eu seja a babá, apesar da minha formação.”

Instagram: @elaesoababa e @jana\_retratos